

O MITO EVITA NO CINEMA ARGENTINO: “EVA PERÓN – A VERDADEIRA HISTÓRIA” (1996)

Wagner Pinheiro Pereira*

RESUMO: O artigo pretende realizar uma análise da representação de Eva Perón e da Argentina peronista apresentada no filme *Eva Perón – A Verdadeira História* (*Eva Perón: La Verdadera Historia*, dir. Juan Carlos Desanzo, Argentina, 1996). Através da análise desse filme, buscaremos traçar um perfil da imagem criada em torno do mito Eva Perón e de sua relação com as “massas”, percebendo de que forma uma temática do passado é apropriada e interpretada pela cultura da mídia contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Argentina; Cinema; Eva Perón; Peronismo.

ABSTRACT: The article intends to conduct an analysis of the representation of Eva Peron and the Peronist Argentina featured in the movie *Eva Peron: The True Story* (*Eva Perón: La Historia Verdadera*, dir. Juan Carlos Desanzo, Argentina, 1996). Through analysis of this film, we will seek to draw a profile image created around the myth of Eva Peron and her relationship with the "masses", realizing how a theme of the past is appropriated and interpreted by the culture of contemporary media.

KEYWORDS: Argentina; Cinema; Eva Peron, Peronism.

* Doutor em História Social (FFLCH-USP). Professor Adjunto de História da América no Instituto de História e no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH/PPGHC-UFRJ).

Ligando a figura mundialmente conhecida, de “Evita”, uma glória ‘hollywoodiana’ de proporções desmedidas, com a moça simples, a criança ultrajada, podemos chegar à conclusão de que Eva foi, possivelmente, uma personalidade dividida. De um lado, repleta de altruísmo e generosidade, há a moça simples, ‘revoltada com a injustiça’, de outro, no entanto, a mulher seduzida pelo poder. No âmago de suas preocupações sociais mais profundas, como o salário e as seguranças empregatícias para a dona de casa, encontra-se uma infância pobre e uma mãe humilhada pelas circunstâncias. Promovida pelo peronismo, e sendo principal fator de legitimação deste, a figura de Eva irá se confundir com a de uma grande estadista. Eva torna-se mais importante do que a própria imagem da Argentina real, uma vez que esta imagem é representada revestida de um aparato e de uma glória que não correspondem à realidade social da época.

Luiz Carlos Cappellano. *Evita: A Mulher, O Mito*. (1986)

Para os argentinos que continuam a venerá-la, Eva Perón, ou simplesmente Evita¹, é como Carlos Gardel: enquanto ele canta cada vez melhor, quanto mais passa o tempo, mais bela – e poderosa – ela fica. Os que a odeiam ainda espumam ao lembrar seu nome. A aura mitológica de Evita continua tão forte que mesmo décadas depois de sua morte ainda é difícil dizer, para quem procura um ponto de vista objetivo, se foi boa ou se foi má. Uma coisa é certa: Evita se inventou e captou como poucos o poder da

¹ No livro *La Razón de Mi Vida (A Razão de Minha Vida)*, Eva Perón faz a seguinte distinção: “Lembre-se, mais, que eu não era apenas a esposa do Presidente da República. Era também e, acima de tudo, a mulher do condutor máximo dos argentinos. À dupla personalidade de Perón devia por força corresponder em mim uma dupla personalidade: uma, a de Eva Perón, mulher do Presidente, a quem incumbe uma tarefa simples e agradável de dias festivos, de honrarias, de funções de gala; a outra, a de ‘Evita’, mulher do Líder de um povo que nele depositara toda a sua fé, toda a sua esperança, todo o seu amor. Somente uns poucos dias ao ano represento o papel de Eva Perón. E creio que desse papel, porque simples e agradável, me desincumbo cada vez melhor. Em compensação, toca-me, os mais dos dias, desempenhar o papel de Evita, primeira peronista argentina, ponte estendida entre as esperanças do povo e as mãos realizadoras de Perón. E esse sim, é-me deverás difícil, ao ponto de que nunca me sinto totalmente satisfeita do modo por que o desempenho... Quando escolhi o papel de ‘Evita’, fí-lo plenamente consciente de estar optando pelo caminho do povo... Ninguém, a não ser o povo, me chama de Evita. Somente os descamisados aprenderam a me chamar assim... De resto, eu própria me apresentei assim, no dia em que saí ao encontro dos humildes do meu país, alegando que ‘preferia ser Evita a ser a esposa do Presidente da República, desde que, sendo Evita, pudesse mitigar uma dor ou enxugar uma lágrima...’[...] Sim. Confesso que tenho uma única ambição, uma única e grande ambição pessoal: quisera que o nome de ‘Evita’ ficasse inscrito para sempre na história de minha pátria. Quisera que dela se dissesse, numa pequena nota inscrita ao pé do capítulo maravilhoso que a história certamente dedicará a Perón, algumas poucas palavras: ‘Houve junto a Perón, uma mulher que foi o veículo das esperanças do povo, que Perón mais tarde convertia em realidades...’ E me sentiria sobejamente compensada se essa pequena nota terminasse assim: ‘Dessa mulher sabemos apenas que o povo a chamava carinhosamente de: ‘Evita’”. PERÓN, Eva. *A Razão de Minha Vida*. Rio de Janeiro: Edições Freitas Bastos, sd., pp.87-88; 90-91 e 94.

imagem. De artista medíocre de rádio e cinema², de cabelos castanhos e aparência comum, transformou-se ao lado de Juan Domingo Perón, num fenômeno que até hoje tem apelo global. A mãe dos pobres, a protetora dos descamisados, a chefe espiritual da nação, entre outros epítetos, deixou também um legado estético e visual.

A figura de Evita tem transcendência internacional e permite uma reflexão sobre a cultura e a identidade na Argentina. Pobre e sem estudos, Evita chegou à Casa Rosada, a sede do governo argentino, em 1946, aos 27 anos, acompanhando Perón como uma espécie de acessório incômodo, pela reputação, pela origem social e pela facilidade de comandar. Antes mesmo de domar os erros de concordância pôs-se a se produzir como uma artista de cinema, adquirindo vestidos, luvas e chapéus de grifes famosos. Os seus casacos de pele e os diamantes, dizia ela, pertenciam ao povo. As pessoas mais simples admiravam o fato de Evita, que viam como uma delas, ter alcançado o sonho de todos. A roupa e o estilo dela serviam justamente para mostrar que tinha chegado lá. Evita morreu aos 33 anos, de câncer no útero. Quando Perón foi deposto, uma das medidas dos militares para apagar o rastro do peronismo foi sumir com o corpo embalsamado da mulher, que, em mórbida epopeia, passou anos escondido em caminhões, porões do exército, na casa de um oficial e até em um cinema, antes de ser enfim enterrado em Buenos Aires. O mito sobreviveu a tudo.

Tendo-se em mente a importância política e cultural que Eva Perón possui em seu país, o presente texto pretende realizar uma análise da representação de Eva Perón e da Argentina peronista apresentada no filme *Eva Perón – A Verdadeira História* (*Eva Perón: La Verdadera Historia*, dir. Juan Carlos Desanzo, Argentina, 1996). Este filme argentino, realizado como uma resposta ao filme americano *Evita* (*Evita*, dir. Alan Parker, EUA, 1996), configura-se enquanto fonte para a análise acerca das controvérsias do Mito Eva Perón e do período peronista na cultura midiática contemporânea: *Eva Perón – A Verdadeira História* é um exemplo de como na Argentina, Eva Perón tem sido tema de alguns filmes de estilo documentário, marcados pelo realismo e por certa solenidade para com a inesquecível heroína. Nele, vemos uma Eva Perón combativa, hábil líder política e condutora de massas, sendo também a Eva da renúncia e da agonia

² Evita fez a seguinte avaliação sobre a sua carreira artística: “No cinema, má; no teatro, medíocre; no rádio, passável”. O seu papel político, no entanto, teria outra qualificação. Cf. NAVARRO, Marysa. *Evita*. Buenos Aires: Corregidor, 1981. p.78.

que deixa os descamisados, com apenas 33 anos de idade, para tornar-se a “Santa Evita” na imortalidade. (GARCÍA, LABADO & VÁZQUEZ, 1997, pp.196-197.)



As representações de Eva Perón no cinema argentino e americano: Cartazes dos filmes *Eva Perón – A Verdadeira História* (*Eva Perón: La Verdadera Historia*, dir. Juan Carlos Desanzo, Argentina, 1996) e *Evita* (*Evita*, dir. Alan Parker, EUA, 1996).

Através da análise desse filme, buscaremos traçar um perfil da imagem criada em torno do mito Eva Perón e de sua relação com as “massas”, percebendo de que forma uma temática do passado é apropriada e interpretada pela linguagem do presente.

Em primeiro lugar, considero importante apontar, conforme as palavras de Francis Vanoye, que

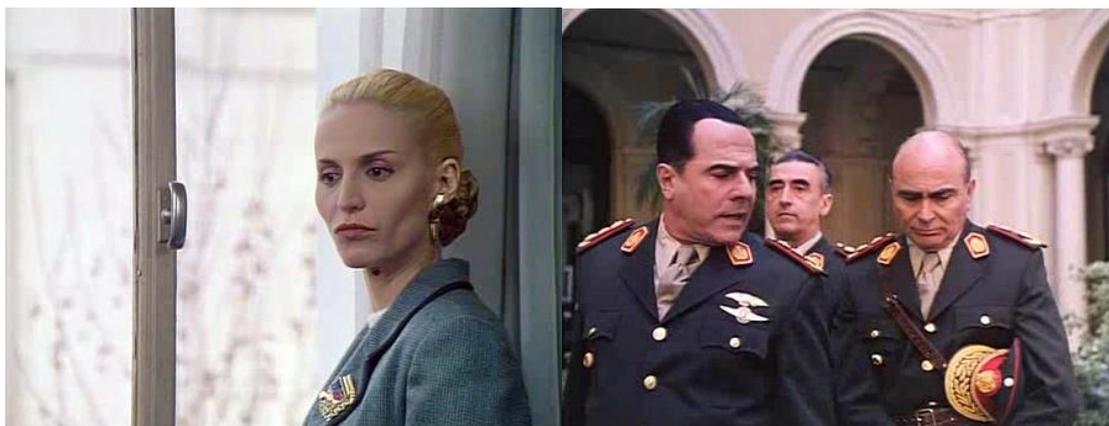
um filme é um produto cultural inscrito em determinado contexto sócio-histórico. [...] Em um filme, qualquer que seja seu projeto (descrever, distrair, criticar, denunciar, militar), a sociedade não é propriamente mostrada, é encenada. Em outras palavras, o filme opera escolhas, organiza elementos entre si, decupa no real e no imaginário, constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, ampliando certos defeitos, propondo um ‘contramundo’ etc.). Reflexo ou recusa, o filme constitui um ponto de vista sobre este ou aquele aspecto do mundo que lhe é contemporâneo. Estrutura a representação da sociedade em espetáculo, em drama (no sentido geral do termo), e é essa estruturação que é objeto dos cuidados do analista (VANOYE & GOLIOT-LÉTÉ, 1994, p.56.).

Assim, a Eva Perón que aqui descreveremos é uma síntese construída e consolidada pela memória nacional da Argentina, e, por outro lado, é uma visão comercial do produto ‘Evita’, sendo este absorvido pela grande indústria cultural americana, que a transforma em um mito de sucesso internacional, desvincilhado de seu caráter nacional argentino.

No entanto, ao produzir-se o filme *Evita*, os americanos ocasionaram grandes problemas e conflitos com os argentinos, pois, como sinaliza a historiadora Maria Helena R. Capelato,

na Argentina, o peronismo de hoje é muito mais do que uma lembrança: é força política sustentada pela permanência de mitos que ainda mobilizam a sociedade, quer no sentido da eleição de um presidente da República, quer no repúdio a Madonna, profanadora do mito Eva Perón, a ‘Santa Evita’. A popularidade de Evita persiste e, em menor ou maior grau, Perón e Vargas também se mantêm como heróis no panteão da pátria argentina e da brasileira. (CAPELATO, 1998, p.285.)

O filme *Eva Perón – La Verdadera Historia* inicia-se com a imagem de vários peronistas colocando cartazes de propaganda da candidatura de Juan Perón e Eva Perón para as eleições de 1951, que ficou conhecida como “Perón-Eva Perón. A Fórmula da Pátria (1952-1958)”, em vários murais de toda a Argentina. O que já de início demonstra o forte poder da propaganda para conquistar as massas, e o seu desempenho de consolidar a imagem do ‘Mito Evita’ na Argentina peronista.



Jogos do Poder: Os estilos diferentes de “fazer política” de Eva Perón e Juan D. Perón.

A segunda cena ocorre em abril de 1951, quando a CGT (Confederação Geral do Trabalho) confirma sua proposta de apoiar a candidatura de Eva Perón para vice-presidente da Argentina. Todavia, na cena seguinte, aparece Juan Perón rodeado de generais, que tentam influenciá-lo para não concordar com a ideia de Eva candidatar-se a vice-presidência, o que leva Perón a responder: *“Minha vice-presidente deve ser dócil e manipulável, ma-ni-pu-lá-vel!”*.

Ao anoitecer, Perón mostra-se preocupado com o ritmo das atividades de Eva, pois enquanto ele, ainda sob a tradição militar, vai dormir cedo, ela vira a noite trabalhando; segundo Perón, Eva precisava diminuir a sua rotina e descansar. Eva, pelo contrário, fala diretamente sobre a sua candidatura à vice-presidência da Argentina e sobre a articulação do povo em seu apoio. No entanto, Perón alega que os militares e a Marinha mantêm-se contrários a seu desejo político. Neste momento, Eva afirma que para ela nada foi fácil, e, então, aparecem *flashbacks* de sua infância em Chivilcoy, em 8 de janeiro de 1926, época em que tinha apenas sete anos de idade, contando o episódio de sua ida ao velório de seu pai, quando ela, sua mãe e irmãos não foram permitidos de entrar, por serem filhos ilegítimos. Porém, neste filme, ao contrário de *Evita*, ela e a sua família tem permissão de ver rapidamente seu pai falecido, mas Eva nega-se a beijá-lo.

Em seguida, é apresentada uma reunião de seus principais opositores, que tramam uma forma de impossibilitar a candidatura de Eva, pois a consideram apenas uma bastarda, filha ilegítima e atriz (que na época era visto como uma garota de programa), que colocava a saúde da pátria em perigo. Isso mostra, evidentemente, como Eva gerava intensas controvérsias, pois recebia tantas críticas por parte das classes mais abastadas quantos eram os aplausos vindos das massas. Muitos a consideravam uma

oportunista que manipulava as pessoas sem o menor escrúpulo para manter-se, junto ao seu marido, no poder. Afinal, para Eva Perón, o poder era uma forma de atingir seus objetivos e ela não tinha a menor dúvida quanto à justiça de sua causa.

Um dos momentos mais interessantes do filme é a cena seguinte, quando Eva Perón faz um discurso aos ferroviários, que haviam entrado em greve geral, no início de 1951, ano em que Perón enfrentou o primeiro de uma série de conflitos sindicais. Neste ano, os ferroviários declararam uma greve geral por aumento de salários. Isso levou Eva Perón, seguindo sua política de mediação com as associações, a interceder no caso e, dirigir-se às estações de trem para tentar dissuadir os grevistas da paralisação, conforme aponta o discurso produzido no filme:

EVA PERÓN: A greve contra o governo peronista é uma greve contra o movimento operário. Uma greve contra vocês mesmos! Ouçam bem, companheiros, quem faz greve é um carneiro da oligarquia! Entendam bem, companheiros! ... Não sei se quero dizer 'carneiro' da oligarquia.... Procuo outras palavras mas não encontro. Greve contra Perón é antipatriótico!

FERROVIÁRIO 1: Companheira, um ferroviário ganha apenas 340 pesos. Somente 340 pesos. Isso é justo, companheira?

EVA PERÓN: Não. Isso não é justo. E há muitas coisas que ainda não são justas. Os salários serão aumentados para 500 pesos, eu juro. Mas também juro que só faremos isso, se suspenderem essa greve rapazes! Mas companheiros, estamos só falando de salários, o que é que há? E a moradia? E os direitos sociais? E as aposentadorias e as férias pagas? Como é companheiro? Já se esqueceram disso? Quem lhes deu tudo isso? ... Foi Perón! E contra Perón estão fazendo essa greve? O que teriam se tivesse ganhado a União Democrática? Menor salário e nenhuma conquista social! Comeriam lixo, lixo da oligarquia!

FERROVIÁRIO 2: Certo companheira, mas em 1945 a oligarquia não venceu, nós vencemos! Portanto, deles não esperamos nada, mas de você e do General Perón, esperamos tudo, companheira!

EVA PERÓN: Diga-me, você é peronista?

FERROVIÁRIO 2: Sim, companheira.

EVA PERÓN: Então, entenda. Eu e Perón esperamos coisas dos peronistas. Antes de tudo, que não nos façam greves e que não deem mau exemplo aos companheiros. Não queremos greves na Argentina de Perón! Está Claro!

FERROVIÁRIO 3: Não se nega ao Movimento Operário o direito de greve.

EVA PERÓN: Você não é peronista!

FERROVIÁRIO 3: Sou socialista, de Juan B. Justo e de Palácios.



A relação direta líder e massas: Eva Perón profere discurso aos ferroviários grevistas.

EVA PERÓN: Sim. Socialista dos puxas-sacos, da oligarquia e do ianque Braden! Dos canalhas da União Democrática! Ouça-me bem, na Nova Argentina quem defende os operários é Perón, e quem é contra Perón, está contra os operários por mais socialista que se diga!

FERROVIÁRIO 3: Senhora, permita-me...

EVA PERÓN: Não te permito nada... Sabe quem defende esta greve, companheiro socialista? O jornal La Prensa! O que houve? Viraram socialistas os Gaunza Paz, que esbanjam grana quando vão para Europa? Ou será que certos operários, obtusos como você, estão fazendo o jogo dos inimigos do povo? Uma greve operária apoiada pelo jornal da oligarquia. Onde já se viu isso? Só idiotas caem nessa, companheiro!

FERROVIÁRIO 3: A luta operária começou muito antes de Perón.

EVA PERÓN: Sim, claro que começou! Mas com projetos que passaram anos nas gavetas do congresso. Nós os tornamos leis! Desafiamos a oligarquia, metemos medo e ensinamos a respeitar os operários! E vocês nos fazem uma greve! Por 200 pesos de droga!

FERROVIÁRIO 1: Para um operário 200 pesos não são porcaria, companheira.

EVA PERÓN: Sim, são! 200 pesos ao lado da política social do peronismo, ao lado do amor do General para seu povo, são droga. Suspendam esta greve. A greve tem de ser suspensa! Entendem? Está não é uma greve operária. Por última vez, companheiros, suspendam esta greve! Depois não digam que não avisei. Se tivermos que ir pro pau, vamos pro pau, companheiros. Caia quem caia e custe o que custe!

Conforme pode ser observado,

em seu caminho rumo à lenda, Evita havia endurecido. Seu discurso contra a classe alta tornou-se ainda mais agressivo [...]. Dessa fase final, datam suas mensagens mais violentas: embora conservasse o segundo plano da esposa, essa retórica a fazia transcender sua condição de líder feminina. A linguagem alcança um registro que vai no sentido contrário à canonização oficial. Evita revela seu lado mais combativo e com ele funde o bronze que o governo já está polindo

sobre sua imagem. (GARCÍA, LABADO & VÁZQUEZ, 1997, p.132.).

Esse discurso representa também o conturbado momento histórico dos anos 1950, quando a economia argentina começou a mostrar sintomas de esgotamento. A inflação subia e a balança comercial estava desequilibrada. As medidas tomadas pelo governo eram parcialmente responsáveis por aquela situação. Os ambiciosos programas de assistência social haviam esvaziado o Tesouro Nacional. Os salários altos, embora bons para os trabalhadores, desencorajavam os investimentos estrangeiros, que também faziam parte do plano do presidente para o crescimento industrial do país. Além disso, o fascínio que Perón exercia sobre as massas começara a enfraquecer. Surgiam greves contra a política governamental.

Na Fundação Eva Perón, Evita propõe o controle absoluto de todos os meios de comunicação e o fechamento do jornal La Prensa, função que ficará sob os cuidados do deputado Cooke.

Tendo êxito em sua missão, Cooke faz as seguintes considerações à Eva Perón:

“Nossos inimigos enchem a boca com a palavra democracia. Mas acho que se nos derrubarem, não serão muito democráticos conosco. Senhora, Apold e eu coincidimos em querer fechar o jornal La Prensa. Ele quer fazê-lo porque quer o peronismo como ditadura. Eu quero que o peronismo seja uma revolução. Perguntou se é ditadora, como dizem seus inimigos. Ouça-me bem, senhora: Se uma ditadura é uma revolução, se justifica. Se não é uma revolução, então é uma ditadura e nada mais. Apenas isso, lamentável isso”.

A cena seguinte retrata uma conversa de Perón com Eva, no jantar, onde ela explica a sua razão de querer ser vice-presidente:

EVA PERÓN: É uma jogada política minha. Política e pessoal. Sobretudo pessoal.

JUAN D. PERÓN: Por que pessoal?

EVA PERÓN: Eu tinha sete anos quando morreu meu pai.

JUAN D. PERÓN: Já me contou isso...

EVA PERÓN: Espera, não te contei tudo!

JUAN D. PERÓN: Vá, então conte!

EVA PERÓN: Minha mãe levou-nos ao velório e nos barraram. Aí, surgiu uma chata, filha legítima do meu pai... Gritava como louca: ‘Com que direito?!’... Você pode imaginar? Comigo sempre foi assim: ‘Com que direito esta atriz de segunda categoria anda com o Coronel Perón?’, ‘Com que direito acompanha-o aos desfiles de 9 de julho?’, ‘Ao Teatro Cólón no 25 de

maio?’ E depois, ainda pior: ‘Com que direito ela opina sobre questões de Estado?’, ‘Com que direito armou esta fundação, deu seu nome e ajuda aos pobres?’. Sempre fui ilegítima, Juan. Uma bastarda, nunca tive direito a nada. Agora isso acabou. Agora quero ser parte do Estado. Quero ter direito, Juan! Ouça-me bem, não quero que ninguém volte a perguntar: ‘Com que direito?’, entende? Quero a vice-presidência, Juan. Quero esse direito!

Todavia, Perón ao ser perguntado se iria apoiá-la, respondeu apenas que ela continuasse fazendo seu jogo, pois não havia sido a ele que ela doutrinou na Escola Superior Peronista, mas sim aos outros, então era deles que ela deveria buscar o apoio.



Uma Lição Peronista: Eva Perón ministrando curso na Escola Superior Peronista.

Nesta perspectiva, o filme apresenta uma cena de Eva Perón lecionando na Escola Superior Peronista, com o seguinte discurso:

EVA PERÓN: Vocês se perguntarão: ‘Por que outra vez o mesmo?’, ‘Por que insisto em falar-lhes sobre a ética peronista?’ É muito simples, companheiros. Porque ainda há peronistas no afã de obterem privilégios, mais parecem oligarcas do que peronistas. Quero dizer-lhes, e o que digo é com a paixão de peronista e de mulher, que o peronismo que nasceu no dia 17 de outubro, é uma vitória do povo contra a oligarquia! Vou dar-lhes um exemplo. O funcionário que serve-se do seu cargo é oligarca! Não serve ao povo, serve a sua desmesurada ambição! Esses não são peronistas, são oligarcas! Ídolos de barro! A oligarquia que derrotamos em 17 de outubro está morta! Ou está agonizando nos estertores do fracasso! Por isso, tenho mais medo da oligarquia que possa haver entre nós! Do que ela possa fazer cotidianamente! A cada dia entre nós! Perdão. Perdoem-me, que eu insista tanto com isso. Mas quero que levem isso profundamente gravado no coração. É fundamental para o nosso movimento! É fundamental que os peronistas não destruam o peronismo!

Com isto, segundo Maria Helena R. Capelato, percebe-se como

a nacionalidade e a reformulação da identidade nacional tornaram-se, desde então, prioridade: viver na Argentina, sentir-se argentino, produzir e consumir coisas argentinas, tudo isso se tornou moda. Recusando o modelo cosmopolita que gozava de grande privilégio, a reformulação propunha a busca da marca de ‘origem’ trazida pelas

massas. A presença delas na cena política era apresentada como uma garantia de ‘argentinidade autêntica’. A nova identidade nacional coletiva tinha o caráter das multidões: ela era tumultuada e se distanciava fortemente do passado recente, dos homens políticos tradicionais e solenes, dos jornais clássicos e de seu estilo intelectual, rígido e formal. Esta nova argentinidade era insolente, emotiva e primária, na visão dos adversários. (CAPELATO, 1998, p.249.)

A próxima cena retrata o trabalho de Eva na sua Fundação, mostrando como o momento de sua chegada representava a vinda de uma santa, que iria salvar e purificar seus fiéis da miséria. Eva era idolatrada e ovacionada pela multidão, não era preciso dizer nada, nenhuma palavra, bastava olhar a expressão de felicidade e o sorriso de seus fiéis seguidores, que com a presença da ‘Santa Evita’ sentiam-se plenamente amparados e unificados numa comunhão mística.



A relação direta e carinhosa de Santa Evita com os descamisados na Fundação Eva Perón.

Conforme aponta a historiadora Maria Helena Rolim Capelato,

Eva Perón configurou-se como personagem adequada para representar a encarnação viva do mito feminino da redenção. Sua capacidade de liderança era inquestionável; a profissão de artista explica sua desenvoltura diante das massas, seu grande público. Além disso, seus dotes físicos tornavam-na especialmente dotada para a representação da feminilidade ideal, expressão do bem, do bom e do belo.

Não se tratava de uma figura qualquer, mas da primeira-dama que dividia com o presidente da República a liderança do poder. Nessa divisão cada um desempenhava funções próprias. O presidente Perón, expressão do poder masculino, atuava na vida pública, exercendo atividades políticas bem definidas. Eva Perón, a mulher classicamente feminina, representava a intuição, o sentimento, a emoção. (CAPELATO, 1998, pp.270-271.)

Mas, a figura radiante e elétrica de Eva Perón já estava com seus dias contados, pois, segundo mostra o filme, após uma sequência frenética de suas atividades, Eva enfraquece e desmaia, era o princípio de sua queda. Mesmo assim, ao falar com Perón, Eva busca passar uma imagem de força e energia, embora odiasse seu corpo, que a estava atraíndo cada dia mais. É nesta conversa, que começa a recordar juntamente com seu marido, seu primeiro encontro com Perón, em 1944, ano do terrível terremoto que atingiu a cidade de San Juan, onde houve milhares de mortos e imensos prejuízos. Nesta época, Perón fez com que a Secretaria do Trabalho montasse uma vasta operação de socorro e conclamou a nação a contribuir com remédios, roupas, comida, dinheiro, abrigo e sangue. A resposta foi imediata e generosa. Artistas e figuras de projeção nacional propuseram-se a ajudar, participando de um grande espetáculo beneficente em um estádio de Buenos Aires. Entre os artistas presentes encontrava-se Eva Duarte, conhecida cantora e atriz de rádio e de cinema. Após a apresentação, ela e Perón deixaram o estádio juntos. Iniciava-se, então, o maior relacionamento da história argentina, pois ao contrário das críticas, Perón ignorou a opinião dos militares e dos oligarcas, mantendo o seu caso com Eva Duarte publicamente.



O primeiro encontro entre Juan Domingo Perón e Eva Duarte durante o espetáculo beneficente para socorrer as vítimas do terremoto de San Juan.

Eva recordou também o famoso 17 de outubro de 1945, quando o presidente Edelmiro Farrell pediu a Perón para que mandasse a massa reunida em frente à Casa Rosada para casa, pois era necessário controlar a situação e livrar-se das quinhentas mil pessoas lá fora. John DeChancie descreve essa cena da seguinte forma:

A multidão se acotovelava na grande praça e nas ruas adjacentes a ela. Os bombos ressoavam, mesclando seu pesado som aos gritos e às canções. A grande maioria desses homens e mulheres tinha vindo dos bairros periféricos da cidade, invadindo com seu aspecto pobre e mal cuidado o elegante centro da cidade – como os homens costumavam usar as camisas por fora das calças, os refinados habitantes do centro

os apelidaram pejorativamente de *descamisados*³. Eles estavam ali, no coração de Buenos Aires, frente à Casa Rosada – a sede do governo –, reivindicando pela presença do homem que idolatravam e a quem obedeciam cegamente.

O cenário deste acontecimento era a Plaza de Mayo; a data, 17 de outubro de 1945; o homem reivindicando, Juan Domingo Perón, ex-vice-presidente da nação. As pessoas que o aguardavam – operários das indústrias argentinas – queriam que ele assumisse a presidência do país, de uma nação dilacerada por escândalos e conflitos políticos. E Perón sabia disso. Chegara a hora de seu triunfo. Um triunfo que seria ainda mais saboroso pelo fato de que, pouco tempo antes, fora obrigado a renunciar ao seu cargo no governo e preso por oficiais do Exército. [...] Perón apagou o cigarro. Estava na hora de executar os planos que lhe devolveriam o poder. Para a multidão que esperava em frente à Casa Rosada, o tempo demorava a passar. Fazia calor; o ar estava parado, úmido. [...] Por fim, pouco após as 23 horas, o coronel apareceu na sacada. O povo delirou. Seu herói estava são e salvo e, aparentemente, livre. Aclamaram-no entusiasticamente, gritaram até ficar roucos, choraram de emoção. Os aplausos se estenderam por mais 15 minutos. Então, muito emocionado, Perón pediu aos trabalhadores ali reunidos que cantassem o hino nacional. Após o hino, disse-lhes que aquele era o maior dia da história política da Argentina, e que aquela demonstração de apoio era uma ‘grande celebração da democracia’, uma data muito importante para o trabalhismo argentino, pois pela primeira vez os operários haviam se unido para mudar o rumo do governo. (DECHANCIE, 1987, pp.07 e 09-10.)

³ Pertencer ao povo não dependia, para o peronismo, da condição social ou profissional. Neste sentido, por exemplo, ao propor como modelo do povo argentino o *descamisado*, o peronismo retirou o sentido pejorativo do termo, elevando-o a condição de “amigo do líder”. Genericamente *descamisado* significava povo / massa, mas no peronismo o termo tornou-se mais preciso e revelou-se com clareza na afirmação de Eva Perón: “Para mim os trabalhadores, homens e mulheres, são sempre, e antes de tudo, *descamisados*. E, o que são, para mim, os *descamisados*? Não posso falar deles sem que venha a minha memória os dias de minha solidão em outubro de 1945. [...] *Descamisados* foram todos os que estiveram na Plaza de Mayo em 17 de Outubro de 1945; os que cruzaram a nado o Riachuelo, vindos de Avellaneda, da Boca e da Província de Buenos Aires, os que em colunas alegres, mas dispostos a tudo, inclusive a morrer, desfilaram naquele dia inesquecível pela Avenida de Mayo e pelas diagonais que conduzem à Casa do Governo, fizeram calar a oligarquia e a aquele que disse “yo no soy Perón”; os que todo o dia reivindicaram a presença do Líder ausente e prisioneiro; os que acenderam fogueiras com os jornais da La Prensa que havia se vendido a um embaixador estrangeiro por trinta moedas, ou talvez menos! Todos os que estiveram naquela noite na Plaza de Mayo são *descamisados*! Ainda se houve ali alguém que não o fosse, materialmente falando, um *descamisado*, esse ganhou o título por ter sentido e sofrido naquela noite com todos os autênticos *descamisados*; e para mim, esse foi e será sempre um *descamisado* autêntico. [...] Para mim, *descamisado* é aquele que se sente povo. É importante que nos sintamos povo, que amemos, sofram e nos alegremos como faz o povo, embora não nos vistamos como o povo, circunstância puramente acidental. [...] Nem todos os *descamisados* são trabalhadores, mas para mim, todo trabalhador é um *descamisado*; e eu jamais esquecerei que a cada *descamisado* devo um pouco da vida de Perón”. Através dessa definição de Eva Perón conclui-se que *descamisado* é sinônimo de peronista. PERÓN, Eva. *La Razón de Mi Vida*. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1951. pp.115-117.

Assim, Perón consolidou sua ascensão política na Argentina. Pouco tempo depois, casou-se com Eva Duarte, que representaria um papel fundamental no peronismo.

Após essas recordações da ascensão política de Perón e Evita, a cena seguinte, indubitavelmente, a mais interessante e emocionante do filme, passa-se em Buenos Aires, no dia 22 de agosto de 1951. Reunidos na Avenida 9 de Julho, multidões entram em cena para apoiarem a candidatura '*Perón-Eva Perón. La Fórmula de La Pátria*'.

O filme registrou esse momento da seguinte forma:

SINDICALISTA: Companheiros, em nome da CGT e do Conselho Superior do Partido Peronista, proclamamos a fórmula: Perón-Eva Perón, para a presidência e vice-presidência!

EVA PERÓN: Excelentíssimo senhor Presidente. Meus queridos descamisados da pátria! É para mim uma grande emoção encontrar-me novamente com os descamisados como em 17 de outubro e como em todas as datas em que o povo esteve presente. Todos sabem que foi o General Perón quem os dignificou social, moral e espiritualmente! E sabem que os oligarcas, que os medíocres, que os vendedores da pátria, ainda não estão derrotados! De suas guardas asquerosas, atentam contra o povo e contra o General! Eu, General, com a plenipotência espiritual que me dão os descamisados da pátria, vos proclamo, antes que o povo vote em 11 de novembro, Presidente de todos os argentinos!

POVO: Com Evita! Com Evita!....

SINDICALISTA: Senhora, o povo pede-lhe que aceite seu posto!

EVA PERÓN [discretamente dirigindo-se para Perón no palanque]: E agora?

JUAN D. PERÓN [discretamente para Eva]: Impossível, não pode!

EVA PERÓN [discretamente para Perón]: Por quê?

JUAN D. PERÓN [discretamente para Eva]: Mande-os para casa!

EVA PERÓN: Companheiros, eu peço à Confederação Geral do Trabalho e à vocês, pelo carinho que vos une, pelo amor que propagamos mutuamente, que para uma decisão transcendental na vida desta humilde mulher, me deem, pelo menos, quatro dias para pensar numa decisão!

POVO: Não! Não! Não!...

EVA PERÓN: Companheiros...

POVO: Greve Geral! Greve Geral!

EVA PERÓN: Companheiros e Companheiras! Eu não renuncio do meu posto de luta! Renuncio às honrarias!

POVO: Resposta! Resposta!

EVA PERÓN: Companheiros, pelo carinho que nos une! Eu lhes peço, por favor, não me façam fazer o que não quero fazer! Peço a vocês como amiga, como companheira, que se desconcentrem. Companheiros, quando Evita lhes enganou?

POVO: Nunca! Nunca!

EVA PERÓN: Eu só lhes peço uma coisa, que esperem até amanhã!

JUAN D. PERÓN [discretamente dirigindo-se para Eva Perón]: É preciso suspender esse ato!

SINDICALISTA: Companheiros, a companheira Evita pede-nos duas horas. Nós vamos ficar aqui! Não vamos sair até que ela nos dê uma resposta favorável!

EVA PERÓN [dirigindo-se para Juan Perón]: Então!?!



“Perón-Eva Perón – La Formula de la Pátria”: A política de massas peronista no comício de apoio para o lançamento da candidatura de Eva Perón como candidata a Vice-Presidência da República Argentina (22 de agosto de 1951)

JUAN D. PERÓN [discretamente para Eva]: Diga que sim, sem dizer sim!

EVA PERÓN [dirigindo-se para Perón]: E como se diz isso!?!

EVA PERÓN: Companheiros, asseguro-lhes que isto me pega de surpresa! Jamais em meu coração humilde de mulher argentina, sequer pensei que poderia aceitar este posto!

POVO: Vice-presidente! Vice-presidente!

EVA PERÓN: Companheiros, o mínimo que posso pedir é que me deem, ao menos, quatro horas para anunciar minha decisão pelo rádio a todo país!

POVO: Agora, Evita! Agora!

EVA PERÓN: Companheiros, como diz o Coronel Perón: farei o que diga o povo!

Após essa grande concentração, Juan D. Perón encontra-se com Eva e discutem o que foi decidido na Reunião de Gabinete. Neste momento, Perón explica para Eva os motivos que impossibilitaram-na de aceitar o cargo de vice-presidente. Não somente os militares não aceitaram, mas, principalmente, Eva havia sido derrotada pelo câncer. Incontrolável, Eva entra em pânico e desesperada quebra um espelho, gritando que não queria se ver morrendo.

Mais tarde, renuncia sua candidatura pelo rádio, com as seguintes palavras:

EVA PERÓN: Companheiros! Quero comunicar ao povo argentino minha decisão irrevogável e definitiva, de renunciar à honra com que os trabalhadores e o povo da minha pátria, quiseram me honrar na Assembleia de 22 de agosto. Eu não tinha então, nem tenho neste momento, mais que uma ambição pessoal, que de mim se diga, quando escreverem o capítulo maravilhoso que a história certamente reservará a Perón, que houve ao lado de Perón uma mulher, que se dedicou a levar ao presidente as esperanças do povo, e que a essa mulher o povo chamava carinhosamente de Evita.



A preservação da imagem: A doença não impediu Eva Perón de continuar mantendo uma preocupação constante com a sua beleza e aparência física.

As últimas cenas do filme apresentam uma Eva Perón, que mesmo doente e fraca, mantêm-se combativa e preocupada com Perón e com o destino da Argentina. Para Perón, expressa seu imenso desejo de poder votar nele e se pudesse nela também; e

também chega a adverti-lo para ficar atento com os militares e com o golpe que poderia vir a ser desencadeado, pois segundo ela, mesmo com a vitória peronista através das eleições, os militares poderiam mudar os rumos da história, afinal, para eles as eleições não valiam nada.



Os últimos conselhos políticos de Evita: A doença não impediu Eva Perón de continuar atuando – mesmo que nos bastidores – politicamente. Temendo o enfraquecimento político peronista ou um golpe militar, a principal preocupação de Eva Perón era planejar uma forma de proteger a manutenção de Perón no poder após a sua morte.

Enquanto a oposição faz a festa com a doença de Eva, escrevendo nos muros, “Viva el Cancer!”, Eva fazia um de seus últimos discursos, carregado de tom agressivo:



O último discurso público de Eva Perón em 17 de Outubro de 1951: Eva Perón debilitada fisicamente precisa ser amparada e segura pela cintura por Juan D. Perón.

EVA PERÓN: É o povo humilde da pátria que segue e seguirá Perón. Porque Perón levantou a bandeira da redenção e da justiça, das massas trabalhadoras! Por isso, o povo o seguirá contra os traidores de dentro e de fora! E eu peço a Deus que não permita a esses insensatos, levantar a mão contra Perón! Porque aí desse dia! Porque nesse dia, meu General, eu sairei com os descamisados da pátria, morta ou viva, para não deixar em pé, sequer um tijolo que não seja peronista!

Estava consolidada a imagem de Eva Perón como a Santa da Argentina, pois o próprio povo via-a como tal, colocando sua imagem num altar, rezando pela sua melhora em frente à Casa Rosada.



Celebração peronista nas ruas: Eva Perón acompanha Juan Perón na posse de seu segundo mandato presidencial.

É com muita emoção que o filme retrata o

4 de maio, dia em que seu esposo prestaria juramento relativo a seu novo período de governo, quando alguma vez sonhou que o secundaria como vice-presidente, Evita insistiu em acompanhar o general. Foi sua última e maior produção cinematográfica. Os médicos ministraram-lhe três calmantes para deslocá-la da residência à Casa Rosada, e ali repetiram a dosagem para que pudesse realizar o desejo de saudar os manifestantes. Foi-lhe confeccionada uma armação – uma estrutura de gesso e arame, oculta pelo amplo casaco de visom – que a manteria de pé no carro para acenar aos descamisados. Os noticiários da época refletem o capítulo de maior lirismo da história argentina: Perón de pé, rígido, apenas sorri, deixando a ribalta para sua esposa moribunda. Ela, uma caveira sorridente e afetuosa, quase sobrenatural. Mais que saudá-la, a multidão parece despedir-se dela. Nenhuma das imagens de Evita tem a intensidade desse passeio à véspera da morte. (GARCÍA, LABADO & VÁZQUEZ, 1997, pp.147-148.)

O momento final do filme ficou reservado para uma conversa de Eva Perón com o seu padre confessor e a despedida de seu marido Perón. Nas duas conversas, fica evidente a forma de sacrifício e martírio personificados por Evita. Ao padre, afirma que não consegue compreender Deus, afinal *“Ele não gosta dos pobres?”*, perguntava ela, enquanto o padre não conseguia disfarçar suas lágrimas. *“Afinal, por que queria a sua morte, se neste país, a única que os pobres tinham era ela; Se Deus ama os pobres, por que a afastava do caminho e não fazia nada para impedir sua morte”*. A única resposta dada pelo padre era que *“Deus nem sempre pode impedir o Mal”*. O que levou Eva a replicar: *“Se Deus deixa que eu morra, é porque é ‘dos contrários’!”*



O martírio de Santa Evita: Agonia e revolta de Eva nos momentos finais de sua vida.

Nos momentos finais de sua vida, Eva faz seu último pedido a Perón, advertindo-o a nunca abandonar os pobres, pois eles são os únicos que sabem ser fiéis.

Eva Perón morreu em 26 de julho de 1952, tinha apenas 33 anos. Em 16 de setembro de 1955, um golpe militar (que ela tanto alertou para Perón) derrubou o governo peronista na Argentina.

Conforme apresentado, procurou-se realizar algumas reflexões sobre os elementos básicos que constituem e permeiam o imaginário político do ‘Mito Evita’.

O cinema nos faz ter saudade de Evita no próprio processo de ungi-la com uma auréola de arte e santidade, por meio do registro fotográfico. Evita em cores distancia-se do real, é como um souvenir do souvenir. As décadas e os piores avatares políticos arrasaram seu legado. Sobraram três sílabas, logo para ela, que empreendeu sua saga pessoal de nomes próprios: a conquista do sobrenome do pai, a conquista do sobrenome do marido e, com este, todo o poder. Uma vez conquistados, preferiu perdê-los para ter seu verdadeiro nome e, assim, dever toda a glória a si mesma. Evita, um diminutivo no tempo. Os heróis populares não têm sobrenome nem biografia. Eles os

perdem em troca do eco perpétuo. Evita reina na memória coletiva dos argentinos como emblema desse tempo feliz, quando os pobres acreditaram encontrar seu espelho. Não há razão para chorar. (GARCÍA, LABADO & VÁZQUEZ, 1997, p.200.)

BIBLIOGRAFIA:

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. “O personagem na história – Perón e Eva: Produtos da sociedade argentina”. In: *Jogos da Política*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero/Fapesp, s.d.

_____. “Populismo em América Latina: Propaganda política y formas de manipulación de massas”. In: *História política del siglo XX*. Quito: Ed. Nacional, 1992.

ELIA, Tomás de. & QUEIROZ, Juan Pablo. *Evita: An Intimate Portrait of Eva Perón*. Nova York: Rizzoli, 1997.

DECHANCIE, John. *Os Grandes Líderes – Perón*. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GARCÍA, Fernando Diego; LABADO, Alejandro & VÁZQUEZ, Enrique (Comp.). *Evita: Imagens de uma Paixão*. São Paulo: DBA/Cia. Melhoramentos, 1997.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “A ditadura das Imagens: Cinema e Propaganda nos Regimes Políticos de Massas da Europa e da América Latina (1922-1955)”. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et al. (Org.). *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

_____. “O Espetáculo do Poder: Políticas de Comunicação e Propaganda nos Fascismos Europeus e nos Populismos Latino-Americanos (1922-1955)”. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti et al (orgs.). *Do político e suas interpretações*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

_____. *O Poder das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda, 2012.

PERÓN, Eva. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1951.

_____. *A Razão de Minha Vida*. Rio de Janeiro: Edições Freitas Bastos, s.d.

VANOYE, Francis & GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a Análise Fílmica*. Campinas: Papirus, 1994.

Artigo recebido em: 04 de agosto de 2013

Aprovado em: 11 de novembro de 2013